



LITERATURA E ARPILLERAS NO COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: BORDANDO REFLEXÕES E AFETOS COM AGULHAS E LINHAS

LITERATURA Y ARPILLERAS EN EL COMBATE A LA VIOLENCIA CONTRA LAS MUJERES: BORDANDO REFLEXIONES Y AFECTOS CON AGUJAS E HILOS

LITERATURE AND ARPILLERAS IN THE FIGHT AGAINST VIOLENCE TOWARD WOMEN: EMBROIDERING REFLECTIONS AND AFFECTIONS WITH NEEDLES AND THREADS

Brenna Izabella Rodrigues Barbosa¹

Gabriel Barra Falconieri Oliveira²

Denise Stefanoni Combinato³

Silvia Maria Cintra da Silva⁴

RESUMO

Este projeto de extensão ocupou a necessidade de enfrentamento da violência de gênero por meio do debate com a comunidade, utilizando a arte literária e o bordado. Teve como objetivo possibilitar o diálogo sobre violência contra as mulheres, visando à mudança cultural e ao enfrentamento dessa violência, assim como à valorização das mulheres por meio da troca de conhecimento e da elaboração de vivências do cotidiano. Foram realizados encontros quinzenais que consistiram na leitura e discussão de um texto literário e na produção de um bordado inspirado na discussão. Observou-se que o projeto se caracterizou como um espaço de escuta e acolhimento dos atravessamentos de gênero

¹ Graduanda em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

² Graduado em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

³ Doutora em Saúde Coletiva (UNESP). Professora da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

⁴ Doutora em Educação (UNICAMP). Professora da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

na vida das participantes, no qual o bordado mostrou-se uma maneira de expressar angústias, afetos e esperanças. Entende-se esse projeto como um instrumento de resistência e denúncia, considerando-se a elaboração de experiências por meio da transposição de afetos para agulhas, linhas e tecidos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Resistência. Arte. Literatura.

RESUMEN

Este proyecto de extensión abordó la necesidad de enfrentar la violencia de género a través del debate con la comunidad, utilizando el arte literario y el bordado. Su objetivo fue posibilitar el diálogo sobre la violencia contra las mujeres, con el fin de promover un cambio cultural y enfrentar dicha violencia, así como valorar a las mujeres mediante el intercambio de conocimientos y la elaboración de vivencias cotidianas. Se llevaron a cabo encuentros quincenales que consistieron en la lectura y discusión de un texto literario y en la producción de un bordado inspirado en la discusión. Se observó que el proyecto se caracterizó como un espacio de escucha y acogida de los desafíos de género en la vida de las participantes, donde el bordado se reveló como una forma de expresar angustias, afectos y esperanzas. Este proyecto se entiende como un instrumento de resistencia y denuncia, considerando la elaboración de experiencias mediante la transposición de afectos a agujas, hilos y telas.

PALABRAS-CLAVE: Psicología. Resistencia. Arte. Literatura.

ABSTRACT

This extension project addressed the need to confront gender violence through debate with the community, using literary art and embroidery. Its objective was to enable dialogue on violence against women, aiming at cultural change and confronting this violence, as well as valuing women through the exchange of knowledge and the elaboration of everyday experiences. Fortnightly meetings were organized, consisting of reading and discussing a literary text and producing an embroidery inspired by the discussion. It was observed that the project was characterized as a space for listening to and welcoming gender issues in the lives of the participants, in which embroidery proved to be a way of expressing anguish, affection and hope. This project is understood as an instrument of resistance and denunciation, considering the elaboration of experiences through the transposition of affections onto needles, threads and fabrics.

KEYWORDS: Psychology. Resistance. Art. Literature.

* * *

As arpilleras são como canções que se pintam

Violeta Parra

Introdução

Os dados acerca da violência em nosso país são alarmantes: segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2023), em 2022, a taxa de estupro e estupro de vulnerável cresceu 8,2% em relação ao ano anterior, ocasionando o maior número de registros de estupro e estupro de vulnerável da história, com 74.930 vítimas. Vale ressaltar

que esses são os casos notificados, portanto, representam apenas uma parcela dessa violência sexual. As maiores vítimas são crianças e adolescentes (61,4% tinham no máximo 13 anos), pessoas negras (56,8% das vítimas eram pretas ou pardas) e mulheres (88,7% das vítimas). Os feminicídios também cresceram (6,1% em relação ao ano anterior), resultando em 1.437 mulheres mortas, o que significa uma mulher vítima de feminicídio a cada seis horas no país. Esses dados se mostram ainda mais alarmantes quando se trata de mulheres negras, que representam 61,1% das vítimas.

Tal violência, além de perpassar questões de gênero, atravessa também as questões raciais. Assim, para a construção de medidas de enfrentamento à violência contra as mulheres, é necessário pensar articulações que possam alcançar a sociedade como um todo, exigindo uma série de medidas educativas, sociais e econômicas.

A arte pode ser uma aliada no enfrentamento, na educação e na conscientização da população a respeito da violência contra as mulheres. Segundo Lev Semionovitch Vigotski (1999, p. 320), “a arte é antes uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela”. No contexto da luta social, ela pode promover inspirações e esperanças em relação ao futuro e, quem sabe, alguma mudança na sociedade.

Além disso, a arte é capaz de auxiliar as pessoas na elaboração do momento presente e da realidade em que se encontram. Por meio dela, os sentimentos ganham corpo, forma e sentido, se materializando e se transformando com o processo de construção. Neste sentido, o mesmo autor diz que “a arte nunca poderá ser explicada até o fim a partir de um pequeno círculo da vida individual, mas requer forçosamente a explicação de um grande ciclo da vida social” (Vigotski, 1999, p. 99). Nesse contexto, fica evidente a importância da arte como elemento constituído e ao mesmo tempo constitutivo de uma determinada cultura, como representação das diferentes manifestações e inquietações sociais (Paula Maria Ferreira Faria, Maria Sara de Lima Dias, Denise Camargo, 2014).

Alinhado a essa perspectiva, o bordado mostra-se potente enquanto forma de expressão de si e do outro, tal como durante a ditadura chilena de Pinochet. Nesse período, se destacaram as arpilleras: produções têxteis feitas com roupas de pessoas desaparecidas que carregavam um forte e sensível significado, denotando resistência e denunciando as violências às quais a população estava submetida (Marina Haizenreder Ertzogue, 2019).

As arpilleras atuavam como uma maneira de dar voz aos silenciados para que, por meio da arte, registrassem suas vivências, violências e resistências (Monise Vieira Busquets, 2020). Durante o bordado, o sujeito pode rememorar e criar narrativas sobre sua história, refletindo, dando vazão e criando outros sentidos sobre si e o mundo.

A partir da experiência chilena das arpilleras, o bordado, enquanto resistência e denúncia, é utilizado em outros espaços em que os direitos humanos são violados, como pelas mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragens (Ertzogue, 2019) e no presente projeto de extensão universitária, *Literatura e Arpilleras no combate à violência contra as mulheres*.

Considerando o papel da universidade como agente de transformação social e formação humanística, o objetivo deste projeto de extensão foi possibilitar o diálogo e a troca de saberes a respeito da desigualdade entre os gêneros e da violência contra a mulher, tendo em vista a necessidade de mudança cultural e o enfrentamento de tal violência, assim como a valorização e a defesa da mulher.

Metodologia

Participantes

As participantes foram convidadas a partir de divulgação em redes sociais e de cartazes impressos colocados em estabelecimentos comerciais do bairro onde está localizado o *campus* universitário. Na divulgação, havia o *QRcode* para acesso a um formulário da plataforma *Google Forms*, no qual elas deveriam preencher dados pessoais e informações voltadas à dinâmica do projeto, como a frequência de leitura literária e o contato/habilidade com o bordado. O perfil do grupo era caracterizado por uma diversidade de idades, com mulheres entre 20 e 64 anos, predominantemente brancas e cisgênero, com graduação completa ou em andamento. Entendemos que, por essa composição, os resultados e as discussões levantadas ao longo do projeto representam um recorte da realidade brasileira, o qual será apresentado a seguir.

Instrumentos

Para a realização dos encontros, as/os participantes, incluindo a/o extensionista e as professoras orientadoras, utilizavam tecidos de algodão cru, agulha, linhas e bastidores.

Foram utilizados livros de literatura (prosa e poesia) como ponto de partida para as discussões e as professoras eram responsáveis por levarem cópias do texto a ser lido em cada encontro, enquanto os extensionistas levavam caderno e caneta para anotações, visando a elaboração dos relatórios e respectivos diários de campo.

Procedimentos

No primeiro encontro, houve uma apresentação geral de cada participante e do projeto, pelas professoras e extensionistas. Foi explicada a proposta de cada encontro se centrar em torno de um texto literário. Essa dinâmica, definida no planejamento entre extensionistas e professoras, baseou-se em uma troca de vivências, pensamentos e reverberações dos textos lidos. Para a seleção dos textos, utilizamos os seguintes critérios: ser produzido por uma escritora e abordar a temática relacionada à violência de gênero. Foram selecionados textos literários (poesia, conto, crônica, trecho de romance) de diferentes autoras, especialmente brasileiras e contemporâneas, como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Martha Batalha, Marina Colasanti, Maria Valéria Rezende e Eliane Brum.

Com exceção do primeiro texto, a escolha dos seguintes baseou-se na leitura do encontro da semana anterior e das ressonâncias provocadas pela obra em questão. Assim, a cada dia ocorria a leitura do texto selecionado para aquela semana e, logo em seguida, a discussão desse texto, permitindo que as participantes falassem o que mais as tocou, as vivências relacionadas ao conteúdo do texto e as lembranças, com a mediação dos extensionistas e das professoras. Por fim, havia o momento de produção têxtil, no qual os extensionistas auxiliavam as participantes na confecção de um bordado livre, inspirado nas histórias das arpilleras chilenas.

FIGURA 1: Participante compartilhando seu bordado com o grupo



Fonte: imagem do arquivo dos autores, 2023

Ao longo de dois semestres letivos, foram realizados encontros quinzenais, com a participação de quatro a dez mulheres. No encerramento das atividades, houve uma exposição no Centro de Convivência da Universidade, na qual os textos lidos e os bordados produzidos foram expostos, como uma forma de divulgar o projeto e valorizar a produção das participantes. Também foram produzidos fôlderes, ilustrados com um bordado de cada participante e informações sobre as arpilleras, distribuídos para o público que visitou a exposição.

FIGURA 2: exposição dos bordados ao término do primeiro ano do projeto



Fonte: imagem do arquivo dos autores, 2023

Resultados e discussão

A linha, a agulha e a literatura abrindo espaços

*Você tinha tanto medo
da minha voz
que eu decidi
ter medo também*
Rupi Kaur

O poema de Rupri Kaur (2014), lido em um dos encontros, ilustra o teor dos textos apresentados e comentados pelas participantes, extensionistas e professoras. O tom provocador – e incômodo – deu a tônica das leituras e tinha como objetivo justamente instigar reflexões sobre as tantas violências cotidianas sofridas e enfrentadas pelas mulheres em nosso país.

A cada encontro, por meio de nossas discussões, entre linhas e bordados, o grupo foi sendo construído e a nossa relação estreitada. No início do projeto, eram quatro participantes, duas professoras coordenadoras e dois estudantes extensionistas. Durante o nosso primeiro encontro, pudemos perceber, por meio das discussões e relatos das participantes, o início da construção de um grupo potente. Uma participante disse que estava empolgada para o começo do projeto e que estava aberta a entender mais sobre o tema violência contra mulher, já que o considerava muito importante. Além disso, ela afirmou que enxergava as diferentes formas de arte como um escape do cansaço cotidiano. Outra participante disse que esperava que o projeto fosse um momento de aprendizagem e distração em meio ao problema de saúde que enfrentava.

Ficaram perceptíveis o entusiasmo e o interesse das participantes em aprender ou relembrar a arte do bordado e participar das discussões, nas quais poderiam revisitar narrativas sobre a própria vida, aproveitando o espaço de compartilhamento e de elaboração psíquica.

Ao longo dos encontros, pudemos observar a construção da confiança das participantes entre si, bem como nas professoras e extensionistas, o que permitiu que surgissem, durante nossas discussões, temas sociais, mas que também diziam respeito à

intimidade dessas mulheres, como os modos com que elas vivenciaram a maternidade, as relações de gênero, o casamento e o racismo. Dessa forma, o grupo pôde potencializar as narrativas levantadas pelas participantes por meio da partilha de experiências e perspectivas quanto a esses assuntos, além de o grupo ser uma oportunidade de elaboração dos afetos vivenciados sobre o ser mulher.

Uma das participantes, em um de seus primeiros encontros, revelou que estava no grupo porque, embora trabalhasse com arte representando mulheres em suas produções, não conseguia discorrer muito sobre o seu trabalho e, por isso, viu no projeto a possibilidade de falar sobre ser mulher e seus atravessamentos e, conseqüentemente, sobre sua produção artística. Então, vemos, a partir de sua participação, uma elaboração de experiências vivenciadas na relação conjugal que estavam diretamente relacionadas aos seus bordados e a sua carreira enquanto artista. Observamos, progressivamente, que ela se sentiu acolhida e identificada com as demais participantes do grupo, o que possibilitou que ela pudesse narrar sobre si e bordar, com as demais mulheres, aproximações entre as suas histórias, entendendo em sua vivência a influência do machismo, das pressões sociais sobre o casamento e o lugar que a sociedade espera que uma mulher ocupe ao longo de sua vida.

Com base nos estudos sobre processo grupal em Sílvia Lane, em Sueli Terezinha Ferreira Martins (2007, p.77) explica que o grupo se constitui a partir de um contexto histórico e social, articulando singularidades com determinações e contradições sociais:

A partir dessa perspectiva [de Silvia Lane], estamos afirmando o fato de o próprio grupo ser uma experiência histórica, que se constrói num determinado espaço e tempo, fruto das relações que vão ocorrendo no cotidiano e, ao mesmo tempo, que traz para a experiência presente vários aspectos gerais da sociedade, expressas nas contradições que emergem no grupo, articulando aspectos pessoais, características grupais, vivência subjetiva e realidade objetiva.

Em consonância a isso, foi possível analisar o grupo enquanto um espaço fundamental de discussão e desnaturalização de violências cotidianas, em que as participantes, com o auxílio dos textos literários e das mediações do processo grupal, puderam se identificar, narrar experiências pessoais e bordar novas narrativas sobre si. Assim, a troca de experiências e olhares tornou viável a ampliação da compreensão acerca das influências que o machismo exerceu e permanece exercendo na vida delas, assim como das violências que elas sofreram. Isso pode ser visto na fala de uma das

participantes que nos contou: “Por isso é importante espaços como esses para conversar, compartilhar e entender que a violência vai além da física”. Dessa forma, vemos um entendimento fundamental para se pensar em violências que podem ser mais sutis e que passam despercebidas aos olhos da sociedade, mas atingem profundamente os corpos femininos.

Uma categoria analítica importante para analisar as desigualdades (e não diferenças) existentes nas relações sociais entre os sexos é a perspectiva de gênero, que consiste em um “instrumento teórico-metodológico e ético-político” (Maria Ignez Costa Moreira e Tatiana Machiavelli Carmo Souza, 2022, p. 378), para a análise das relações de desigualdade entre homens e mulheres, considerando gênero para além do sexo biológico ou para além de perspectivas naturalizantes, universais e a-históricas.

Para isso, é preciso constantemente construir espaços de diálogo e análise crítica, mas também de compreensão e acolhimento de mulheres, tendo em vista a equidade de gênero.

A produção e a perpetuação das desigualdades nas relações sociais e os processos de subjetivação no contexto contemporâneo são fenômenos que exigem uma prática constante de problematização e reflexão, para a qual concorrem as categorias de classe social, de raça/etnia e de geração (Moreira & Souza, 2022, p.361).

Além disso, os extensionistas tiveram a oportunidade de auxiliar na construção dos encontros, assim como desenvolver habilidades para transmitir o conhecimento do bordado para as participantes de forma didática e atenta, de poder exercer a escuta do sofrimento do outro, entendendo a importância do acolhimento das angústias que apareciam nas discussões e da ampliação destas para compreender os aspectos históricos, sociais e culturais constitutivos da violência. Outro caminho aberto pelas agulhas do projeto foi a construção e a manutenção de laços afetivos entre as participantes do grupo, aproximando e conectando pessoas por meio da arte e da partilha de vivências. Para Vigotski (1935/2010, p. 687, grifos do autor).

A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que

possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, *na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação.*

Também cabe destacar que a leitura de textos literários (poema, conto, crônica, trecho de romance) nos encontros oportunizou a ampliação do repertório cultural das participantes, extensionistas e professoras, levando o grupo a conhecer e valorizar a produção de importantes autoras que, em suas obras, abordam tanto a violência desferida contra as mulheres quanto outras dimensões constitutivas da condição humana.

O peso das agulhas sociais

No bordar de nossos encontros, abordamos aspectos que retratam o peso da influência social na vida dessas mulheres, de modo que as pressões sociais se mostraram importante fator nas grandes decisões durante a vida, assim como no cotidiano. Durante nossas discussões sobre o texto *As fugidas da mãe*, de Clarice Lispector (1984), as participantes trouxeram discursos que criticavam a maternidade e o amor materno enquanto algo natural e espontâneo. Uma das participantes comentou sobre a pressão sofrida pelas mulheres em ter que sentir um amor incondicional pelos filhos desde seu nascimento, enquanto outra relatou a culpa sentida em fazer atividades sozinhas após tornar-se mãe, como se seu único papel precisasse ser esse.

Essa compreensão do mito do amor materno, que foi disseminada e apoiada em discursos médicos, políticos e religiosos com intuito econômico de reduzir a taxa de mortalidade para que se tivesse maior oferta de mão de obra, ainda se mostra presente na atualidade, causando sofrimento nas mulheres, principalmente naquelas que tentam fugir minimamente desse padrão (Deborah Kopke Resende, 2017).

Alinhadas com essa perspectiva, algumas participantes relataram dificuldade em relação à maternidade quanto à contradição de se sentirem cobradas de se doarem completamente aos filhos e, ao mesmo tempo, sentirem o desejo de terem um tempo para si próprias. Nesse sentido, elas trouxeram a importância de entender o papel social que é esperado pelas mulheres, as quais devem apresentar perfeição no casamento, no trabalho, na criação dos filhos, no cuidado da casa, entre tantos outros espaços. A discussão amplia-se quando se compreende a maternidade e o amor materno como construções sociais e históricas, as quais posicionam a mulher como responsável pela família e pela casa,

dificultando a sua articulação para a luta por direitos e pela desnaturalização do que supostamente seria um encargo “feminino”.

Acerca do tema, Silvia Federici (2022) questiona a atribuição dada às mulheres pela construção social de um “trabalho por amor”, quando se trata do uso da força de trabalho cotidiano com ausência de remuneração. Assim como as mulheres presentes no encontro, Federici (2022) discute a naturalização do trabalho doméstico:

Se é natural que as mulheres sejam mães e donas de casa, então aquelas que recusam esses papéis não são tratadas como trabalhadoras em greve, mas como “mulheres más”. Ademais, se o trabalho doméstico é subordinado às necessidades do mercado de trabalho, então as relações familiares, sexuais e de gênero são “relações de produção”, e não devemos nos surpreender com as contradições que as permeiam, nem com a nossa incapacidade de fazê-las suprir nossos desejos (p. 130).

Nessa direção, o casamento foi abordado enquanto um estressor para as participantes, em semelhança à maternidade, visto que, em ambos, a pressão da sociedade mostra-se fundamental para o controle desses corpos. Esses devem se submeter a relações violentas para enquadrarem-se em um roteiro pré-estabelecido socialmente, mesmo que nesses relacionamentos a mulher tenha que se diminuir, abandonando desejos de realizações pessoais e profissionais em prol da manutenção da relação conjugal. Isso mostra que, apesar dos avanços na conquista por direitos, a mulher ainda precisa se desvencilhar de estereótipos e heranças tradicionais advindas da sociedade desigual (Camila de Sousa Queiroz; Adriana Vasconcelos da Silva Bernardino, 2016).

FIGURA 3: bordado de uma das participantes sobre a temática



Fonte: imagem do arquivo dos autores, 2023

A influência da heteronormatividade na manutenção da mulher em relações desgastantes também foi um tema presente nas discussões, sendo o homem valorizado por seu trabalho e sustento da casa e, por isso, isento de responsabilidade afetiva no relacionamento, uma vez que no imaginário social sua função é oferecer condições dignas (de sobrevivência) para a família (Queiroz; Bernardino, 2016). Dessa forma, essas condições naturalizadas são armadilhas para traçar a vida das mulheres em direção a relacionamentos nos quais são desvalorizadas, subjugadas e violentadas.

Nesse contexto, as participantes do grupo trouxeram que a condição de submissão da mulher ao casamento agrava-se ainda mais com o processo de envelhecimento, visto que a sociedade não considera a autonomia e o desejo da pessoa idosa. Sobre esses aspectos, Deusivania Vieira da Silva Falcão (2016) alega que ainda existem crenças irrealistas a respeito da sexualidade das pessoas idosas, afirmando que elas seriam incapazes, assexuadas e improdutivas, visão que vem se modificando. Há uma pluralidade na sexualidade das pessoas idosas e esse aspecto é influenciado por questões biopsicossociais, como a cultura e a história de vida.

Sobre esse tema, uma participante afirmou que os corpos femininos são socialmente vistos para cuidar do outro e, na velhice, com a dificuldade para exercer essa função, é como se a mulher tivesse “parado de evoluir”. Uma participante complementou com a frase “o corpo envelhece, mas a mente é a mesma”. Isso vai ao encontro do que Isolda Belo (2013) aborda, compreendendo que a velhice é influenciada, predominantemente, pelos discursos de inutilidade e exclusão, sendo reservados aos idosos a expectativa do aumento da submissão, dependência e passividade - discursos que atingem historicamente as mulheres e são intensificados nessa etapa da vida.

Além disso, uma das participantes diz que se divorciar do marido na velhice torna-se ainda mais difícil, pois cria-se a fantasia de que a mulher não irá conseguir outra pessoa para acompanhá-la, como se fosse obrigatório o casamento mesmo nessa idade, além do imaginário social de que a pessoa entra em estagnação no processo de envelhecimento.

Quando as separações ou os divórcios ocorrem na velhice, costumam causar surpresa e ser um choque para a família, devido à ruptura de um vínculo e de uma relação que todos esperavam que fosse “feliz para sempre”. Todavia, dependendo da estrutura e da dinâmica do relacionamento conjugal, essa ruptura pode ser benéfica para o casal e para os membros familiares (Falcão, 2016, p.2353).

Aliado a isso, as participantes levantaram a discussão sobre a invisibilização da mulher conforme ela envelhece, visto que percebem uma desatenção cada vez maior do mundo para elas à medida que o envelhecer aparece no corpo. Tais discussões possibilitaram às participantes ampliar a compreensão do tema, atentando-se à crueldade de algumas mídias, as quais voltam-se aos corpos femininos e idosos para retratá-los de forma pejorativa, impondo o padrão branco, jovem e magro, como ressalta Miriam Goldenberg (2018).

Bordando espaços de resistência

Através da arte literária, foi possível suscitar questionamentos a respeito das injustiças sociais, dando visibilidade às pequenas e grandes violências acometidas a diversas populações. A discussão a respeito da violência contra mulher e do machismo foi instigada em vários encontros de diversas maneiras, sendo implícita ou explicitamente abordados nos textos escolhidos. Ficou evidente, a partir das expressões das participantes que compartilharam histórias pessoais com esse tipo de violência, a importância de espaços para reflexão sobre o tema e a elucidação das diferentes formas em que essa violência pode aparecer dependendo do contexto em que se está inserido.

Uma das facetas dessa violência foi apresentada através da leitura do microconto *Porém, igualmente* (Marina Colasanti, 1999), que retrata a violência doméstica, que provocou diversas reflexões das participantes. Uma delas foi sobre a importância de se denunciar essas situações, expressa pela fala de uma participante que disse que “devemos meter a colher” (em contraposição ao ditado popular de que “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”) mesmo quando tal ajuda não é solicitada. Fica evidente a importância de se conscientizar sobre tal violência que perpassa a vida de mulheres de várias etnias e classes sociais, deixando claro que, a partir de pequenas ações em diferentes espaços, pode-se construir uma transformação e uma rede de combate a essa violência, como foi exemplificado por uma participante na seguinte frase: “meu casamento é a minha oficina, em que eu penso em como eu posso agir diferente, como apresentar algo diferente para a sociedade”.

Além disso, foi possível observar, por meio das falas das participantes e do compartilhamento de vivências, que existe uma preocupação para que tal violência não se alastre às próximas gerações. Uma das participantes afirmou: “o social está em todos,

e em nós mesmos, por isso é importante a gente se cuidar e cuidar das mulheres que caminham com a gente”, demonstrando assim que, para ela, a mudança de atitudes e pensamentos deve ser feita individual e coletivamente a fim de combater a violência contra a mulher. No mesmo sentido, outra participante se manifestou quando o grupo estava conversando sobre o nosso papel perante as injustiças: “precisamos lutar, não calar e enfrentar. Se aceitar, morre cada dia um pouco.”

Debates sobre outros modos de violência também foram suscitados, como o racismo. O texto *A menina e o lápis de cor* (Silvana Martins, 2019) permitiu que o grupo, majoritariamente branco, pudesse discutir sobre a invisibilidade das microviolências com a população negra. A partir dos relatos trazidos pelas participantes, ficou evidente a importância da educação como agente promotor de desconstrução de tal injustiça. Uma das integrantes falou sobre a importância de se incluir e discutir a diversidade com as crianças e a esperança de que tal violência seja combatida pela inclusão através da escuta e do cuidado.

Esse debate se ampliou com o relato de vivências de algumas participantes, como uma situação em que na escola o lápis “cor da pele” não representava a cor real da pele de muitas crianças. Isso demonstra o quanto essa violência pode vir agressiva, mesmo que por meio de pequenas atitudes, como a falta de lápis condizente com as diversas tonalidades de pele das pessoas. Assim, percebe-se que o grupo se atentou à temática e gerou um espaço para desnaturalização e divulgação dessa forma de injustiça social, permitindo que as participantes fossem acolhidas, além de reafirmar o papel social de cada uma no combate a ela. A partir da conexão entre os textos e os bordados elaborados pelas participantes, foi possível perceber a apropriação da narrativa lida e a reflexão realizada, o que se mostrou efetivo para que as mulheres fizessem interseções com as suas histórias pessoais. Um exemplo disso aconteceu a partir do texto *Vozes – Mulheres*, da escritora Conceição Evaristo (2016), representado por um bordado feito por uma participante e apresentado na figura 4.

FIGURA 4: Bordado de uma participante inspirado em “Vozes – Mulheres”



Fonte: imagem do arquivo dos autores, 2023

Outra temática que perpassa as violências sociais é a invisibilização das deficiências. Para essa discussão, foi lida uma crônica do livro *A vida que ninguém vê*, da jornalista Eliane Brum (2006), e as mulheres refletiram sobre como a estrutura social é injusta com as pessoas com deficiência. A fala de uma participante ilustra a falta de apoio social que as pessoas que precisam de suporte encontram ao se deparar com as barreiras criadas a elas ao dizer “temos muito que mudar ainda, a sociedade é muito preconceituosa. Falam muito sobre respeitar o próximo e os diferentes, mas quem precisa mesmo não tem ajuda”. A discussão a respeito do tema repercutiu ao se atentar à falta de implantação de condições para que pessoas com algum tipo de deficiência exerçam seus direitos como cidadãs sem que seja questionada a sua capacidade de autonomia em alguns aspectos, de ampliar a visão sobre o papel social como indivíduos no combate a essa violência.

Nesse sentido, Federici (2022) alega a importância de suscitar discussões e reflexões sobre todo o cotidiano em que as mulheres estão inseridas. A autora afirma que, a partir de tais reflexões, com a ajuda do movimento feminista, foi possível efetivar algumas transformações na sociedade atual, dando espaço para as mulheres exercitarem seu poder no conhecimento, na linguagem, nas relações conjugais e na expressão de seus

desejos. O movimento fez com que as mulheres buscassem sair de uma posição social de subordinação em relação aos homens e ao Estado. Essas mudanças têm provocado uma revolução social, levando a alterações institucionais contra práticas e políticas discriminatórias de gênero.

Considerações Finais

A linha e a agulha têm o papel de abrir espaços

Participante do projeto de extensão

No geral, podemos considerar que esse projeto de extensão se constitui enquanto um espaço de discussão e ampliação de reflexões sobre a violência contra as mulheres. No decorrer dos encontros, as participantes se mostraram mais seguras e acolhidas pelas demais, tornando assim o combate a essa violência uma discussão acessível e as ações necessárias para que esse enfrentamento seja realizado ficaram mais nítidas, considerando-se o contexto de vida de cada uma delas. Durante a exposição dos bordados na universidade, uma das participantes cogitou tornar essa atividade uma fonte de renda, quando algumas pessoas se interessaram em comprar os seus trabalhos.

A arte literária e têxtil teve um impacto significativo para que cada uma materializasse e integrasse o tema da violência à sua realidade, fazendo intersecções com algo já vivido, lido ou visto. Uma delas disse a frase da epígrafe desta seção “A linha e a agulha têm o papel de abrir espaços”, descrevendo a importância da arte para a elaboração das reflexões propostas.

As discussões suscitaram reflexões pertinentes e promoveram a ampliação do repertório sobre o cuidado e o papel social de cada uma das participantes, demonstrando que pequenas atitudes podem mudar a realidade social. Além disso, fica evidente a importância do grupo como agente promotor de mudanças sociais.

Assim, o projeto *Literatura e Arpilleras no combate à violência contra mulheres* permitiu a elaboração de afetos e angústias em relação a uma temática tão pertinente, delicada e urgente como a violência contra as mulheres. Possibilitou às participantes o compartilhamento de saberes culturais e empíricos; ademais, as discussões levantadas permitiram perpassar informações e pequenas medidas de combate a essa violência de maneira leve e descontraída. Dessa forma, abrem-se possibilidades de ruptura com um discurso de culpabilização da vítima ou de cegamento para questões voltadas ao tema.

Ao mesmo tempo, o projeto se mostrou de grande aprendizado para a equipe organizadora, ao permitir a integração com a realidade dessa violência sob a ótica de mulheres de diferentes etnias, idades e condições socioeconômicas. Por fim, o projeto propiciou que os extensionistas tivessem contato com uma temática social urgente e atual, ampliando seu repertório e afinando a sensibilidade e a escuta em sua formação acadêmica e pessoal.

Apesar dos resultados significativos, esse relato de experiência baseia-se em vivências compartilhadas por um grupo específico de mulheres; assim, ele apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Trata-se de uma amostra pequena e composta por participantes em sua maioria branca, cisgênero e com condições socioeconômicas favoráveis. Além disso, as mulheres presentes no projeto, em sua maioria, eram da mesma região geográfica e faixa etária. A homogeneidade descrita limita a diversidade de perspectivas, o que pode afetar as reflexões e conclusões expostas no presente artigo. Assim, admite-se que as experiências aqui descritas não representam a universalidade das vivências femininas, e que em outros recortes sociais, raciais, de gênero ou territoriais pode-se haver diferenças nos discursos apresentados pelas mulheres.

Referências

BELO, Isolda. Velhice e Mulher: Vulnerabilidades e Conquistas. *Revista Feminismos*, v. 1, n. 3, 2013.

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BUSQUETS, Monise Vieira. Bordando a luta: o coletivo de mulheres do movimento dos atingidos por barragens e as oficinas de Arpilleras como estratégia de mobilização social. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v.12, n.23, p.153-176, 2020.

COLASANTI, Marina. *Um espinho de Marfim & outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

ERTZOGUE, Marina Haizenreder. Quando o bordado e a memória se entrelaçam. *História Revista*, v.23, n.3, p.104-120, 2019.

EVARISTO, Conceição. Vozes Mulheres. In: Evaristo, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016. p.24-25.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva. Amor romântico, conjugalidade e sexualidade na Velhice. In E. V. Freitas, & L. Py (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, v. 4, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p.2344-2356.

FARIA, Paula Maria Ferreira; DIAS, Maria Sara de Lima; CAMARGO, Denise. Arte e catarse para Vigotski em Psicologia da Arte. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v.71, n.3, p.152-165, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v71n3/12.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

GOLDENBERG, Miriam. *Velho é lindo!* 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

LISPECTOR, Clarice. As fugidas da mãe. In: Lispector, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.763.

MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar e sentir em Sílvia Lane. *Psicologia & Sociedade*, 19, Edição Especial 2, p.76-80, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/X4kwBmQbJFBvLjMYnm4JvLg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MARTINS, Silvana. A menina e o lápis de cor. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Orgs.). *Escritoras de Cadernos Negros: contos e poemas afro-brasileiros* São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2019. p. 51-53.

MOREIRA, Maria Inez Costa; SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo. Reflexões sobre as relações de gênero à luz da Psicologia socio-histórica. In: MOREIRA, Maria Inez Costa; SOUZA, Sonia Margarida Gomes (orgs.). *Psicologia socio-histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2022. p. 357-383.

QUEIROZ, Camila de Sousa; BERNARDINO, Adriana Vasconcelos da Silva. Mulheres e a igualdade de gênero no século XXI: realidade ou mera utopia? *Revista Mosaico*, v.5, n.2, p.11-14, 2016.

RESENDE, Deborah Kopke. As construções da maternidade do período colonial à atualidade: uma breve revisão bibliográfica. *Revista Três Pontos*, v.14, n.1, 2017.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Quarta aula: a questão do meio da Pedagogia. (M. P. Vinha, trad.). *Psicologia USP*, v.21, n.4, p.681-701, 2010. (Trabalho original publicado

entre 1933-1934). Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/42022/45690>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Recebido em janeiro de 2025.

Aprovado em maio de 2025.